

O AÇÃO DOS SUBMARINOS ALEMÃES E OS “MALAFOGADOS” NA COSTA SERGIPANA (1942- 1945): CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA HISTÓRICA

THE ACTION OF GERMAN SUBMARINES AND THE
“MALAFOGADOS” ON THE SERGIPAN COAST (1942-1945):
CONTRIBUTION TO HISTORICAL GEOGRAPHY

LA ACCIÓN DE LOS SUBMARINOS ALEMANES Y LOS “MALAFOGADOS” EN LA COSTA
SERGIPANA (1942-1945): CONTRIBUCIÓN A LA GEOGRAFÍA HISTÓRICA

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2021.i2.p.267-285

Luiz Antônio Pinto Cruz

Dr. pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professor da Rede Estadual de Ensino de Sergipe

E-mail: historiasdomar@gmail.com

RESUMO

As guerras mundiais do século XX devastaram geografias costeiras, mas ainda existem paisagens marítimas sem história e vítimas naufragadas sem nomes. Pensar geograficamente a Batalha do Atlântico na costa do Brasil faz-se necessário, porque este cenário tropical também foi profundamente marcado pelos ataques de submarinos alemães e italianos. Os naufragos dos navios torpedeados e os soldados praieiros estabeleceram relações significativas, durante a Segunda Guerra Mundial, com as populações litorâneas do Nordeste. Esta investigação buscou compreender os acontecimentos militares e suas relações espaciais no litoral sergipano, no período compreendido entre 1942 a 1945. Em termos metodológicos, foi feita a revisão bibliográfica sobre a temática da entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra e sobre os malafogados, ou seja, os resquícios materiais resultantes dos torpedeamentos na costa sergipana, além de entrevistas com moradores antigos com questionamentos sobre as práticas e as memórias sobre esse período histórico. A partir da análise desta memória pode-se perceber que as populações litorâneas possuíam a incrível habilidade de produzir histórias sobre o sinistro. Elas buscaram entender os resultados do torpedeamento dentro do universo das suas tradições culturais. O mundo dos malafogados nasceu como resposta a uma luta contra o invisível.

Palavras chaves: Batalha do Atlântico; Torpedeamento; Salvados de Guerra.

ABSTRACT

The world wars of the 20th century devastated coastal geographies, but there are still seascapes with no history and shipwrecked victims without names. To think geographically about the Battle of the Atlantic off the coast of Brazil is necessary, because this tropical scenario was also deeply marked by the attacks of German and Italian submarines. The castaways of the torpedoed ships and the beach soldiers established significant relations, during the Second World War, with the coastal populations of the Northeast. This investigation sought to understand the military events and their spatial relations on the coast of Sergipe, in the period between 1942 to 1945. In methodological terms, a bibliographic review was made on the theme of Brazil's entry into the Second World War and on the Malafogados, is, the material remnants resulting from the torpedoing's on the coast of Sergipe, in addition to interviews with former residents with questions about the practices and memories about this historical period. From the analysis of this memory, it can be seen that the coastal populations had the incredible ability to produce stories about the accident. They sought to understand the results of torpedoing within the universe of their cultural traditions. The world of “malafogados” was born as a response to a fight against the invisible.

Keywords: Battle of the Atlantic; Torpedoing; Saved from War.



RESUMEN:

Las guerras mundiales del siglo XX devastaron las geografías costeras, pero todavía hay paisajes marinos sin historia y víctimas de naufragios sin nombres. Es necesario pensar geográficamente en la Batalla del Atlántico frente a las costas de Brasil, porque este escenario tropical también estuvo profundamente marcado por los ataques de submarinos alemanes e italianos. Los naufragos de los buques torpedeados y los soldados de playa establecieron relaciones significativas, durante la Segunda Guerra Mundial, con las poblaciones costeras del Nordeste. Esta investigación buscó comprender los hechos militares y sus relaciones espaciales en la costa de Sergipe, en el período de 1942 a 1945. En términos metodológicos, se realizó una revisión bibliográfica sobre el tema de la entrada de Brasil en la Segunda Guerra Mundial y sobre los malafogados, es decir, los restos materiales resultantes de los torpederos frente a las costas de Sergipe, así como entrevistas a antiguos pobladores con interrogantes sobre las prácticas y memorias de este período histórico. Del análisis de esta memoria se puede apreciar que las poblaciones costeras tuvieron la increíble capacidad de producir historias sobre el accidente. Trataron de comprender los resultados de los torpederos dentro del universo de sus tradiciones culturales. El mundo de los malafogados nació como respuesta a una lucha contra lo invisible.

Palabras clave: Batalla del Atlántico; Torpedos; Rescatado de la Guerra.

1 INTRODUÇÃO

As guerras mundiais do século XX devastaram geografias costeiras, mas ainda existem paisagens marítimas sem história e vítimas naufragadas sem nomes. Entre 1939 e 1945, por exemplo, as águas do Oceano Atlântico foram novamente transformadas em campos de batalhas. No auge dos embates entre eixo e aliados, a fronteira beligerante ia do norte da Europa, na então denominada Batalha da Noruega, na Escandinávia, estendendo-se até o extremo sul da América, na Batalha do Prata, Uruguai. Ao analisar estes cenários de confrontos em seu conjunto, percebe-se que a Batalha do Atlântico se tornou o teatro de operações mais extenso, duradouro e estratégico da Segunda Guerra Mundial. Embora nada se iguale à resistência britânica às investidas alemãs, é necessário englobar historicamente as costas atlânticas de outras nações, as quais, por sofrerem campanhas submarinas ítalo-germânicas, também acabaram integradas à Batalha do Atlântico.

Com vistas a isso, as batalhas navais precisam voltar a ser objeto de pesquisa da Geografia Histórica, pois olhar espacial permite compreender a experiência dos marinheiros que “nela se enfrentam, com os sofrimentos que nela suportam, com as mentalidades daqueles que tentam sobreviver e, para tudo dizer, com os imensos desafios que nela se cristalizam”. (AUDOIN-ROUZEAU, 2009, p. 5). Os ardores da guerra jamais poderão ser entendidos sem uma análise detalhada das localidades onde os confrontos navais se registraram. Deste modo, a Geografia Histórica contribui com valiosos subsídios para se dimensionar a escalada da guerra sob os povos atlânticos da Europa, África, América e Caribe.

Estudar a guerra submarina na costa do Brasil significou mapear o invisível, ou seja, lidar com o inimigo ausente, surpreendente e perturbador. A Kriegsmarine (Marinha de Guerra Alemã) fez da Batalha do Atlântico uma luta sistemática contra os navios mercantes. Uma reflexão geográfica dos navios caçados ou torpedeados ajuda a reconstituir cenários beligerantes ignorados na literatura



clássica. A extensão da Batalha do Atlântico dependia do raio de ação das marinhas de guerra, da logística de abastecimento e das missões estratégicas, era uma mobilização geral contra o suprimento de víveres dos oponentes.

O espaço sul-atlântico também se revestiu de significações beligerantes no tempo da Segunda Guerra Mundial, pois se transformou em águas militarizadas. Outra reflexão importante: uma guerra que realmente se coloque enquanto “total” deve vislumbrar a Europa enquanto epicentro irradiador das operações militares, no entanto, jamais como um fim em si mesmo. A totalidade se alimentava da localidade, porque a máquina-de-guerra se movimentou por diferentes plagas do globo e espalhou a barbárie numa escalada tecnológica jamais vista. Há, nesse sentido, uma Segunda Guerra Mundial ainda pouco estudada nos trópicos americanos.

Em virtude disso, pensar geograficamente a Batalha do Atlântico na costa do Brasil faz-se necessário, porque este cenário tropical também foi profundamente marcado pelos ataques de submarinos alemães e italianos. Os naufragos dos navios torpedeados e os soldados praiheiros estabeleceram relações significativas, entre 1942 e 1945, com as populações litorâneas do Nordeste. À época, dentre as novidades introduzidas pelos estadunidenses na sociedade brasileira, destacava-se o Sistema de Defesa Passivo: blecaute, ensaio antiaéreo, vigilância costeira, dentre outras mobilizações. Eram orientações oficiais de como os civis deveriam se comportar diante da então recém-chegada atmosfera beligerante na América do Sul.

Em termos metodológicos, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a temática da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e sobre os malafogados, ou seja, os resquícios materiais resultantes dos torpedeamentos na costa sergipana, além de entrevistas com moradores antigos do litoral sergipano com questionamentos sobre as práticas e a memória desses atores sociais sobre o torpedeamento dos navios na costa sergipana.

À luz da Geografia Histórica, esta investigação buscou compreender os acontecimentos militares e suas relações espaciais no litoral sergipano, no período compreendido entre 1942 a 1945. Apesar de se registrar a carnificina bélica em diferentes lugares e ocasiões, a costa do Brasil demorou a ser reconhecida enquanto “*status* de front oceânico” dentro da literatura clássica da Segunda Guerra Mundial. Sob essa lacuna cabe uma série de indagações cruciais: a) quais os desdobramentos da não-observância dos fenômenos bélicos nas águas do Atlântico Sul?; b) como se deu o irromper da guerra submarina na costa do Brasil e por que a costa sergipana foi o alvo inicial dos torpedeamentos? Quais as reações e os conflitos nos esquemas de apropriação e comercialização dos salvados nas praias sergipanas? Enfim, como os malafogados ajudaram a (re)contar histórias sergipanas da Batalha do Atlântico Sul sob uma perspectiva geográfica?



2 SOB O PRISMA DA GEOGRAFIA: A BATALHA DO ATLÂNTICO SUL

O Atlântico Sul, como outras regiões oceânicas do globo, também registrou intensos embates navais no tempo da Segunda Guerra Mundial. Se comparado ao Atlântico Norte, qualificou-se enquanto uma área oceânica de frente secundário. Contudo, isto jamais deve ser lido como desmerecimento. Porque cada sinistro à superfície ou debaixo d'água, é dotado de historicidade. Negá-la equivale a esquecer o seu próprio estatuto de coisa real: o espaço é real porque histórico. Essa perspectiva faz dos estudos retrospectivos uma etapa essencial ao conhecimento geográfico (LOURENÇO, 2005).

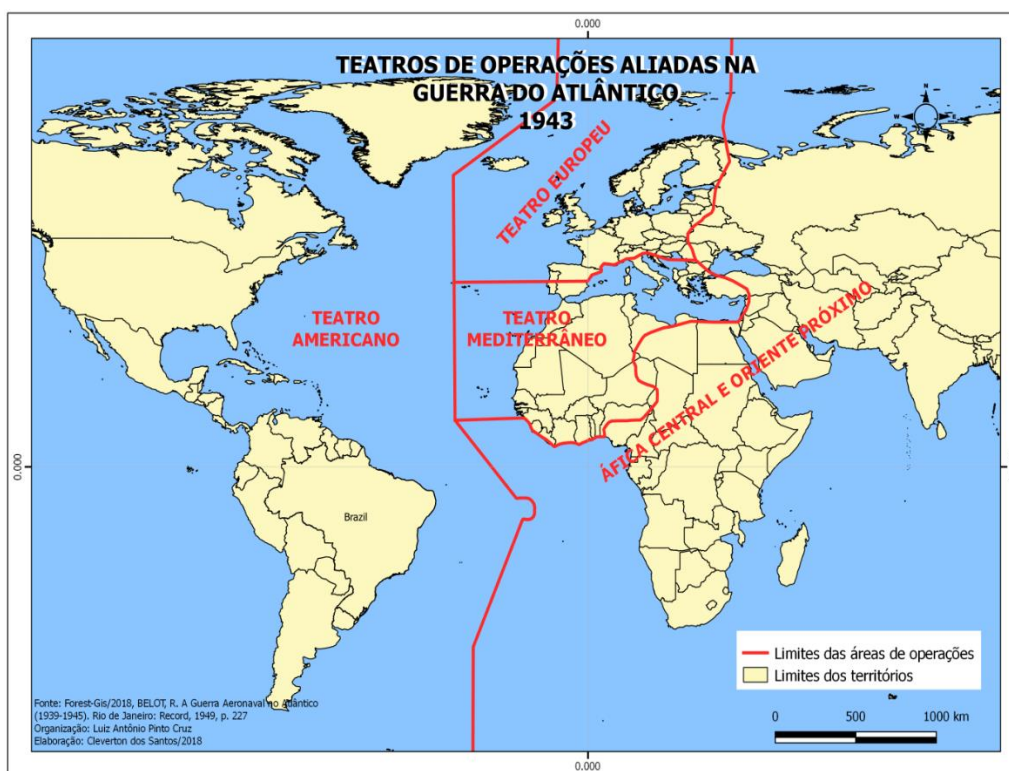
Deste modo, introduzir mediações militares de ordem geográfica dentro desta guerra fragmentada, pode encontrar respostas acerca das particularidades do acontecimento dramático e suas adjacências imediatas. O Atlântico Sul, território marginal por excelência se comparado aos intensos embates do Atlântico Norte, estabeleceu conexões logísticas importantes com os “teatros da guerra”: americano, norte-atlântico, africano e oriental. Tanto os portos da costa da África quanto os da América do Sul integraram missões com variáveis mais amplas. A título de ilustração, pode-se utilizar como exemplo, a circulação de comboios, o fornecimento de víveres, o socorro aos naufragos, a construção de bases militares, dentre outras contribuições do mundo em retaguarda.

Pelo exposto, o Oceano Atlântico se tornou o lugar da logística-primordial para as potências beligerantes. Tanto ingleses quanto alemães desenvolveram um macrozoneamento de toda a extensão oceânica. Aviões, navios e submarinos deveriam operar em mesorregiões quadriculadas. O cumprimento da missão deveria, por sua vez, ser registrado dentro de um espaço de menor extensão, a quadrícula, uma microrregião atlântica numerada, por onde a máquina-de-guerra espalharia a barbárie. Convém esclarecer que torpedear um navio não era uma tarefa simples. A manobra de ataque exigia uma obediência tática dos tripulantes, frieza germânica e atenção ao enquadrar o alvo. Era um momento tenso especialmente para o comandante do submarino, pois este se situava entre o “pensar” e o “agir”. Nada, absolutamente nada, poderia sair errado. A tática é a arte da caça. Argutos caçadores, os submarinistas alemães não costumavam agir à base do improvisado ou da sorte.

Em 1943, o Almirante R. Belot (1949) analisou a Batalha do Atlântico e dividiu sua extensão em teatros de operações. As áreas limítrofes entre eles se destacam pelas linhas vermelhas na figura 1. Situada dentro do Teatro Americano, a costa do Brasil também estabeleceu conexões diretas com oeste da África e o Teatro Mediterrâneo. Graças à movimentação da máquina-de-guerra, os povos atlânticos viveram em permanente estado de emergência. Os marinheiros que se lançavam ao mar temiam não regressar, porque o medo do submarino era um sentimento universal naquela época.



Figura 1 – Teatros de operações na Guerra do Atlântico, 1943.



Fonte: BELOT, 1949, p. 227.

Na órbita da Batalha do Atlântico, a costa do Brasil se apresenta enquanto um território periférico. Ao trazê-la para o centro de uma abordagem investigativa e mapeá-la, poderão ressurgir sobre outras formas, novas interpretações espaciais, que contribuirão para a renovação dos estudos da Segunda Guerra Mundial. A costa do Brasil foi esquadrihada pelos nazistas: cidades, portos, suprimentos, movimentação naval e bases militares.¹ A Geografia, enquanto dimensão do espaço oceânico, tem um importante papel na compreensão do fenômeno militar contemporâneo. Navegar entre os trópicos da América do Sul era, acima de tudo, uma encruzilhada de encontros, riscos e medos. A maioria dos tripulantes dos navios mercantes zarpava sem saber o destino. O sigilo servia para dificultar ações da espionagem eixista e da traição do quinta-colunismo².

¹ Os representantes da Kriegsmarine desenvolveram investigações sobre a realidade naval na costa do Brasil nos anos de 1940. A região entre o Porto de Recife e Salvador foi uma das áreas estudadas. Para saber mais ver RAHMEIER (2020).

² Movimento de brasileiros considerados traidores da pátria. Soldados sem farda, inimigos internos, que se disfarçavam de bons cidadãos, mas ajudavam aos inimigos eixistas com informações privilegiadas. Como por exemplo, a chegada e partida de navios, os seus carregamentos e destinos. Originalmente, a ameaça do “inimigo interno” nasceu na Espanha, no tempo da Guerra Civil (1936-1939), atribuída aos simpatizantes do general Franco que residiam no interior da cidade de Madri. Em direção a ela, marchavam “quatro colunas”, alimentando a expectativa de um intenso confronto dentro da capital espanhola. No entanto, as tropas fascistas tinham uma arma secreta contra seus opositores: os madrilenos que os apoiavam como “quinta-coluna”. Esse elemento surpresa no interior social foi determinante para a vitória dos franquistas. Ver mais detalhes em CRUZ (2012).



No primeiro semestre de 1942, os navios mercantes brasileiros já vinham sendo atacados pelos U-boats no Atlântico Norte. Gradativamente, os sinistros passaram a ser registrados cada vez mais próximos à América do Sul. Até o início de maio de 1942, a Marinha Mercante do Brasil perdeu 6 navios com 116 vítimas fatais, em águas do Atlântico Norte. Durante a primeira quinzena de agosto retorna uma certa calma. A trégua era aparente e deveria ser interpretada como a preparação da tempestade (SEITENFUS, 2003). Entre 15 a 20 de agosto de 1942, desencadearam sucessivos ataques contra a Marinha Mercante Nacional. Esta agressão nazista levou o Brasil à guerra.

3 OS REGISTROS DO TORPEDEAMENTO E A ESCOLHA DA COSTA SERGIPANA

De acordo com a Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália, o ataque sequenciado do U-507 na costa de Sergipe, com naufrágio dos navios *Baependi*, *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*, e depois, na costa da Bahia, o naufrágio do *Itagiba*, *Arará*, *Jacira* e *Hammaren*, criaram, de súbito, uma atmosfera de beligerância no Atlântico brasileiro. Por conseguinte, impulsionaram o Brasil a ingressar no bloco dos aliados (Inglaterra, Estados Unidos e URSS) na Segunda Guerra Mundial contra o eixo (Alemanha e Itália). Convém assinalar que a declaração contra o Japão, por sua vez, só foi anunciada em 1945.

Com o intuito de perceber como a Batalha do Atlântico reverberou sobre a costa de Sergipe, importa analisar a documentação sergipana sobre os acontecimentos militares. O litoral sergipano tem 163 km de extensão entre a foz do Rio São Francisco, ao norte, e a do Rio Real, ao sul. Contudo, com base nos depoimentos dos naufragos, delimitou-se a área costeira das agressões navais entre a barra de Estância e a de Aracaju.

Nesta gênese brasileira da guerra dos U-boats, não se pode deixar de lado as histórias e memórias das populações costeiras. Neste horizonte tropical e apocalíptico, vislumbrava-se na época uma multidão de micronarrativas de pessoas anônimas que viviam nas colônias de pescadores, povoados ribeirinhos e cidades situadas às margens do complexo estuarino Piauí/Real. Elas vivenciaram a transformação do seu espaço litorâneo em ambiente de tensão com a chegada dos naufragos, mortos e salvados. No entanto, em geral, a historiografia oficial ignorou a população local³.

Assim que chegaram à cidade Estância, os naufragos militares procuraram meios de alertar aos seus superiores das agressões navais sofridas. Então, os estancianos logo providenciaram um telégrafo. Por conseguinte, o capitão Lauro Moutinho dos Reis conseguiu se comunicar com o

³ Para conhecer as histórias e memórias beligerantes dos litorâneos no Atlântico sergipano e baiano, ver respectivamente Cruz (2012) e Cruz (2017).



Comandante da 7ª Região Militar de Recife-PE. De forma breve, relatou sobre o torpedeamento do *Baependi*. Eis a mensagem telegrafada na íntegra:

= 156 ESTÂNCIA SE NIL/16º - URGENTÍSSIMO EXMO SR CMT SETIMA REGIÃO MILITAR RECIFE – PE = BAEPENDI TORPEDEADO CERCA DE VINTE MILHAS AO LARGO DA FRONTEIRA BAHIA E SERGIPE ONTEM 19 HORAS PT ACABO DE CHEGAR SALVO COM DOIS OFICIAIS SÉTIMO GRUPO VG TENENTE JOEL E VERÇOSA QUATRO PRAÇAS CIDADE DE ESTÂNCIA NORTE DA BAHIA PT POSSÍVEL GRANDE NÚMERO DE VÍTIMAS DEVIDO RAPIDEZ DO AFUNDAMENTO PT NÃO POSSUO INFORMAÇÕES SALVAMENTO DOS DEMAIS ELEMENTOS GRUPO PT TOMO LIBERDADE LEMBRAR V.EXCIA NECESSIDADES DE PESQUISA LOCAL DO NAUFRÁGIO VIRTUDE POSSÍVEL HAVER BALEEIRAS PERDIDAS SIGO NAUFRAGOS CIDADE ARACAJU CAP LAURO REIS.⁴

A leitura do telegrama permite perceber os desdobramentos da agressão naval em seu sentido mais puro. A atmosfera da guerra saiu do mar e pairou em terra graças aos relatos dramáticos dos naufragos. Tanto presencialmente com os sergipanos quanto nas mensagens telegrafadas, a guerra submarina emergiu de forma surpreendente e alarmou o Brasil. No Atlântico brasileiro, de certo, a agressão nazista encobriu primeiro a costa de Sergipe, para depois se propagar pelos quatro cantos do Brasil.

Ao registrar a atmosfera beligerante no pós-acontecimento, o referido telegrama se tornou um dos documentos históricos mais emblemáticos do Brasil contemporâneo, uma espécie de “anúncio da guerra” ou um “pedido de socorro” dos militares sobreviventes. A costa de Sergipe esteve sob ataque de nautas estrangeiros, e a respeito deste clima de tensão, o *Correio de Aracaju* noticiou em primeiro de setembro de 1942:

A guerra chegou, materialmente, ao Brasil, pois há muito já estava nela. A nova situação, porém, impõe tarefas mais concretas e precisas. Antes de tudo, é preciso considerar que esta não é uma guerra, mas é a guerra, a deflagração final das imensas contradições em que o mundo se vem arrastando para se superar, em busca da “continuidade, da sobrevivência, do progresso”. Não nos iludamos, pois o nosso “Pearl Harbor”, aí está, com todas as suas consequências”

Para a imprensa da época, o ataque sequenciado do U-507 sempre costumava ser comparado com o bombardeio nipônico sobre a base estadunidense de Pearl Harbor, no Oceano Pacífico. No entanto, a barbárie registrada em Sergipe também precisa ser entendida na ótica dos sergipanos. Para tanto, a Geografia Histórica ajuda a entender espaços militarizados, símbolos de barbárie e

⁴ BRASIL. Ministério do Exército. **Inquérito Policial Militar (IPM). Torpedeamento *Baependi***. 6ª Região Militar. 1942. Arquivo Histórico do Ministério do Exército. Edifício Duque de Caxias, Rio de Janeiro. [Telegrama do Capitão Lauro Moutinho dos Reis (Náufrago do *Baependi*) ao Comandante da 7ª Região Militar de Recife, PE. Estância, SE, 16 de agosto de 1942].



representações sociais. Estância e Aracaju irradiaram sucessivas mensagens dramáticas para as autoridades civis e militares. Tanto os representantes da Capitania dos Portos de Sergipe quanto os do 28º Batalhão dos Caçadores passaram os últimos meses de 1942 explicando os desdobramentos dos sinistros para o Presidente Getúlio Vargas.

No pós-acontecimento havia o nítido temor de invasão de tropas nazifascistas às praias nordestinas. No entanto, é importante destacar que interessava à Alemanha Nazista, na ocasião, romper com as linhas de suprimentos dos Aliados. Era uma batalha naval, portanto, que visava romper a circulação de armamentos, matérias-primas e tropas militares. Soldados alemães não invadiram as praias sergipanas, mas o medo disso acontecer foi forte o suficiente para se montar uma vigilância ostensiva da sua região costeira, com os chamados “soldados da praia”.

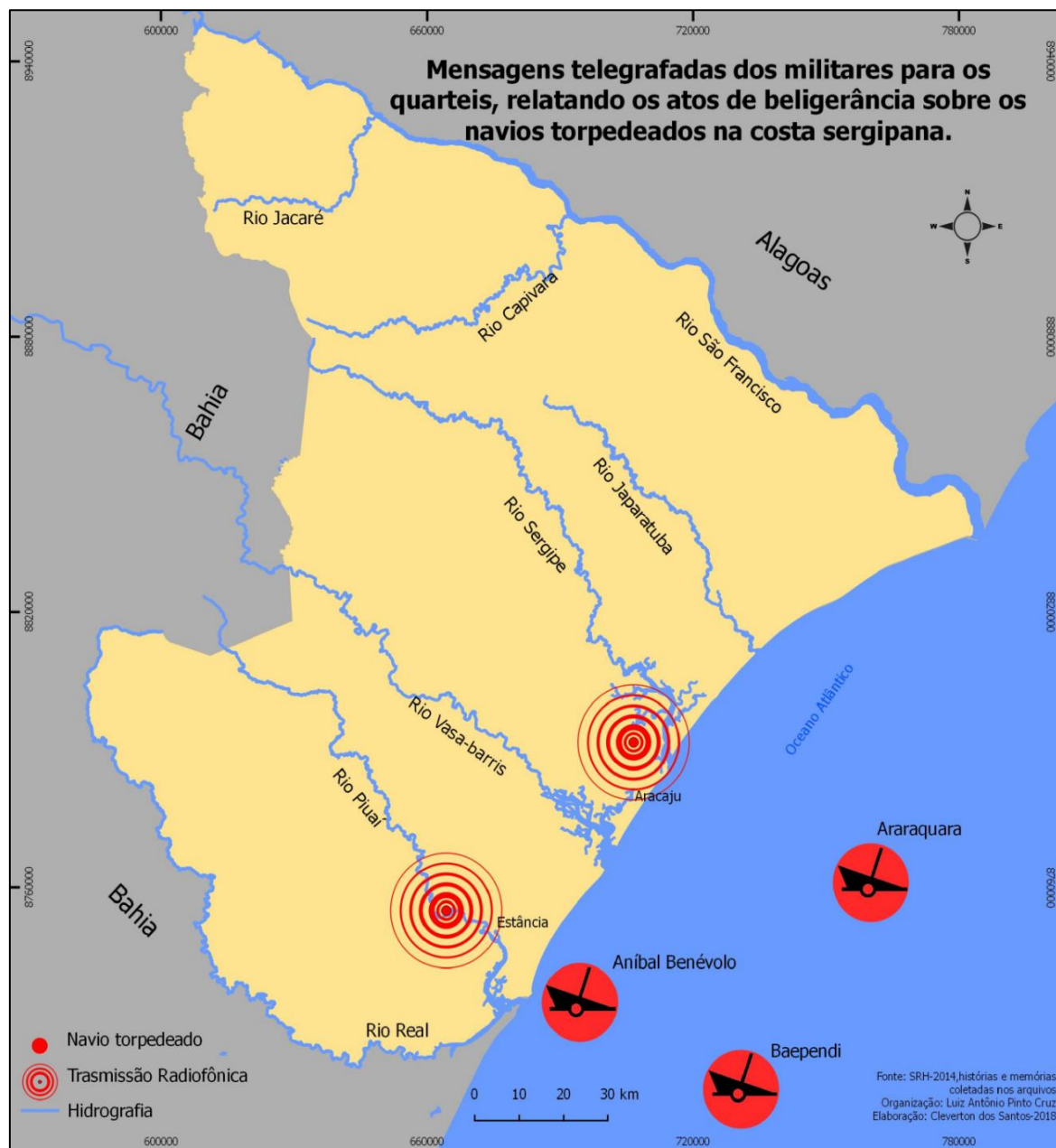
A seguir, tem-se o mapa de Sergipe (Figura 2) indicando o irradiar de mensagens telegráficas. Estância e Aracaju exerceram importantes papéis no pós-acontecimento: socorro aos naufragos, sepultamento dos mortos, recolhimento dos salvados e vigilância costeira. Sem dúvidas, a maior contribuição foi anunciar que guerra naval chegou ao Brasil. Vale ressaltar que as cidades de Sergipe ainda carecem de novas investigações científicas, que estabeleçam conexões entre o território costeiro e os eventos militares no mar.

Em Sergipe, o submarino alemão ainda navega no imaginário coletivo dos mais velhos. Em nossas andanças pela faixa litorânea e regiões estuarinas, encontramos João Martins do Nascimento, no povoado Pontal, município de Indiaroba. Ele nos recebeu em sua casa, à beira do rio Real, região limítrofe entre Sergipe e Bahia. Apresentou um modo particular de entender o abrasileiramento da Segunda Guerra Mundial. Conforme suas palavras:

Aqueles torpedeamentos ocorreram na 2ª Guerra da Alemanha. Eu nasci na 1ª Guerra da Alemanha. (...) Agora, a 1ª Guerra da Alemanha não veio agravar nada aqui. Agora, a 2ª veio. Porque a 2ª Guerra da Alemanha foi de Hitler [falou enfaticamente o nome de Hitler!]. Então, essa 2ª Guerra atingiu Aracaju. Porque (...) dois ou três navios foram torpedeados. O *Aníbal Benévolo*, o *Araraquara* e o *Baependi*! Foi tudo [afundado] de uma noite para outra. (...) O submarino era aí no oceano pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Ia no sul, ia no norte. E quando eles [os tripulantes do submarino] receberam sua missão. Torpedearam de quatro a cinco navios de uma vez só. Esse povo veio dar na costa de Mangue Seco e Coqueiro. E alguns ainda vieram por aqui [povoado de Pontal]. Atravessaram de canoas de vela, com destino a Estância, para pegarem o transporte para Aracaju (Entrevista em 2005).



Figura 2 – Localização das Mensagens Telegráficas dos Militares para os Quartéis e dos Navios Torpedeados na Costa Sergipana – 1942.



Fonte: SRH, 2014.

A noção de “guerra” remete às suas leituras juvenis dos anos de 1940, quando o então estudante Nascimento chamava as guerras mundiais de “1ª e 2ª Guerra da Alemanha”. Na luta global contra o nazifascismo, as nações aliadas sempre responsabilizaram a Alemanha e os alemães pelo tempo de barbárie. No ato de rememorar o acontecimento dramático, o entrevistado também moldou a sua fala com elementos subjetivos da embocadura dos Rios Piauí/Real. O mundo estuarino dos sergipanos e o espaço atlântico da guerra estavam lado a lado, num diálogo constante com o medo.



Em 1943, outros submarinos alemães circularam pela barra de Estância. Em 1º de março, o navio estadunidense Fitz John Porter acabou surpreendido pelo *U-518* e, no dia 31 de julho, o vapor Bagé foi torpedeado pelo *U-185*, comandado pelo Capitão-Tenente August Maus. Ainda há indícios do afundamento do navio inglês *Gotemberg* (CRUZ, 2017). Estes ataques submarinos evidenciam o quanto a Barra de Estância se tornou um lugar emblemático para a história da Batalha do Atlântico Sul.

Em diferentes pontos da costa de Sergipe, homens e mulheres dos casebres de palha (artesãos, canoieiros, lavadeiras, marisqueiras, pescadores, roceiros, saveiristas etc.) contavam histórias dramáticas da guerra recheadas de mitos. Na Ilha da Barra dos Coqueiros, defronte à Aracaju, o escritor Mário Cabral (1955) fez registros sobre os torpedeamentos navais e seus restos na praia de Atalaia Nova. No livro Roteiro de Aracaju, apresentou uma personagem icônica, Seu Durval. Ouviu dele “histórias de amores e de mortes, de navios e de naufrágios, de crianças, mulheres e homens que foram tragados pelas águas de Yemanjá”. Evidencia assim, o quanto o discurso memorialístico mergulha nas esferas do mundo naval e simbólico. E continua a narrativa, o ilhéu Durval “contará essas histórias, sentado em um velho coqueiro arrancado pela ventania, os pés no chão, as calças arregaçadas no meio das pernas nervosas, uma peixeira na cintura, o dorso nu batido pela brisa e pela salsugem do oceano” (CABRAL, 1955: 128).

Tal salsugem d’alma tropical personifica o ilhéu Seu Durval nos adereços, nos costumes, na vegetação e na religiosidade. A prosa aventureira com doses de dramas e sabor do mar. Por falar em mar de Sergipe, outro exímio contador de causos foi José Martins Ribeiro Nunes, conhecido em Aracaju como prático Zé Peixe, que lançou um olhar mais aprofundado sobre as questões espaciais no tempo dos torpedeamentos.

Zé Peixe refletiu sobre as informações que a Carta de Navegação ofereceu aos submarinistas alemães, notadamente da Barra de Estância. O Farol da Cotinguiba e o do Rio Real que serviam como pontos de referência para os viajantes oceânicos também iluminaram a movimentação da máquina-de-guerra, pois facilitaram as coordenadas navegacionais no Brasil.

Para o velho lobo do mar, a Barra de Estância foi “escolhida” pelos nazistas. Havia uma geografia da guerra, onde os nautas estrangeiros sabiam fazer uso dos recursos cartográficos. Ao ser questionado: os sucessivos ataques navais na costa sergipana, então, seriam um triunfo da logística alemã? O arguto Zé Peixe assim respondeu:

Eu não sei a história. Ninguém conta quem foi o submarino, mas dizem que foi alemão. Veio esperar aí na passagem da Barra de Estância. O lugar mais deserto de Sergipe era a Barra da Estância. De Estância para São Cristóvão. Quer dizer, como esse povo [os homens dos submarinos] sabia né? Bom, pela carta de navegação ele vê. Pela carta de navegação ele sabe. Sabia mais ou menos, porque a carta de navegação tem a cidade, o lugar mais deserto e a aproximação mais próxima à praia.



As palavras também cartografam vivências a partir do tempo ausente que se tornou presente pela linguagem (GROSSI; FERREIRA, 2001: p. 30). Nestas memórias do lobo do mar, os submarinistas tinham ao seu dispor um território costeiro desguarnecido, iluminado e cheio de alvos. Para a inteligência militar alemã, como já foi dito, a tática submarina é a arte da caçada naval. De acordo com os esclarecimentos de Kurt Jurgers, chefe do Departamento Histórico da Marinha da Alemanha, os *U-boats* vieram ao Atlântico Sul porque o Atlântico Norte estava em dificuldades, já que os americanos desenvolveram com rapidez equipamentos antissubmarinos. Decidirão então, atacar os cargueiros na costa brasileira, que abasteciam os aliados com matérias-primas importantes (TORRES, 2007).

Na noite do dia 15 para 16 de agosto de 1942, três navios foram torpedeados. A velocidade com que os alemães imprimiram as agressões navais deixou os sergipanos perplexos, por transparecer um conflito totalmente desconhecido, um inimigo marcado pela ausência e uma quantidade elevada de destroços nas praias, ao alcance de todos. Desde então, a guerra submarina se tornou o centro das preocupações das Forças Armadas do Brasil. O *Correio de Aracaju*, de 13 de novembro de 1942, anunciou que para facilitar o conhecimento dos inimigos do Eixo a Capitania dos Portos tem mapas com desenhos e silhuetas de submarinos para conhecimento não só dos marinheiros como de quaisquer outras pessoas.

A essência da batalha naval se encontra estruturada na tecnologia, responsável pela velocidade do caos e pela natureza apocalíptica da guerra. É preciso reconhecer a parte militarizada desta tecnologia, pois a classe militar é esta espécie de inteligência desenfreada cuja ausência de limites provém da tecnologia, da ciência (VIRILIO & LOTRINGER, 1984). A máquina-de-guerra não são somente explosões, também é comunicação, vetorização, geografia. É, especialmente, a velocidade da expedição.

No centro da máquina-de-guerra mundial, em movimento veloz, palpita um coração artificial – a tecnologia. Acostumamo-nos a concebê-la invariavelmente como um bem maior. Com muito custo, concedemos que é um instrumento neutro cujos efeitos podem ser bons ou maus, dependendo de quem dela se apropria. E sempre a vimos como um instrumento civil, sequer cogitamos que a tecnologia de ponta é monopólio dos militares, a quem serve, mas, sobretudo, quem a servem e cultual (VIRILIO; LOTRINGER, 1984, p. 10).

A leitura do texto permite perceber o quanto as áreas de frente estimularam o *modus operandi* nas ciências. Estas, por sua vez, desenvolveram tecnologia de ponta, com a intenção de destruir, matar e surpreender. As armas de destruição em massa são filhas dos cientistas. A tecnologia concedeu ao submarino, por exemplo, a vantagem do efeito-surpresa. Havia pressa pela inovação nos campos de



batalha. Havia velocidade nas longas travessias oceânicas. Era a ciência a serviço da pátria visando vencer a guerra. Era o sonho nazista de edificação do Terceiro Reich sob o mundo.

4 A GEOGRAFIA DOS MALAFOGADOS: ENTRE A PROIBIÇÃO E O DESEJO DOS OBJETOS

Na linguagem do mundo náutico, os “salvados de guerra” significam restos materiais de um acontecimento trágico-militar, e no nosso caso, do navio mercante torpedeado. Mais as coisas flutuantes também poderiam ser provenientes do torpedo não-detonado, do submarino alemão bombardeado ou até do avião militar abatido. Já no mundo sociocultural dos sergipanos, a sabedoria atlântica desenvolveu um sentido popular para os salvados de guerra: “malafogados”.

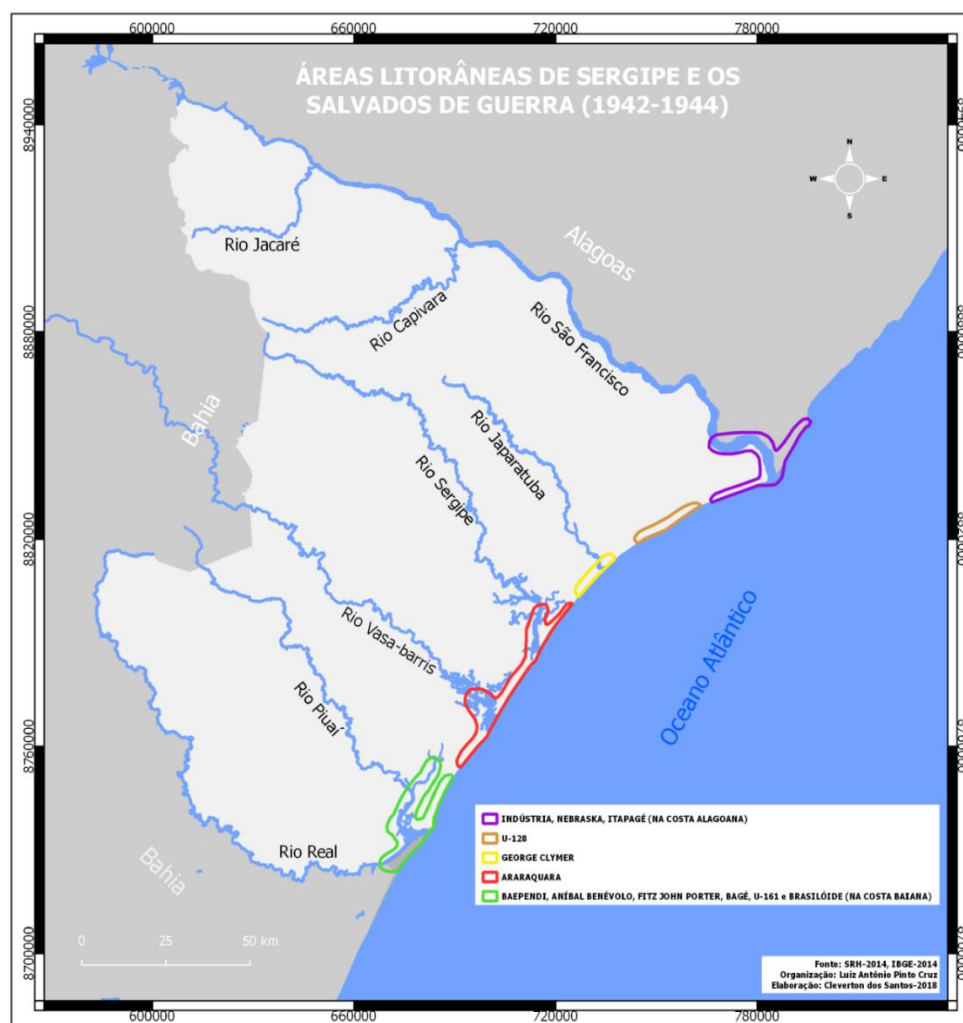
Estudar o acontecimento trágico-militar na perspectiva social implica tirar do anonimato uma gente tropical marginalizada, que residia dentro de palhoças estuarinas, situadas entre coqueirais e manguezais. Implica também perceber as interações entre elas e as ações militares da Batalha do Atlântico Sul, ligações estas, que ajudaram a entender porque uma coletividade se sentia envolvida pela atmosfera beligerante.

O mapa litorâneo de Sergipe indica os lugares de aparição de salvados de guerra (Figura 3). Graças à memória dos entrevistados, à análise de fotografias, às informações dos jornais e documentos do judiciário e de militares, foi possível mapear esses lugares costeiros. As diferentes cores identificam o navio soçobrado: nacional ou estrangeiro, mercante ou militar. Por meio desses rastos e restos, entende-se porque a aura da Segunda Guerra Mundial marcou e ainda marca a memória coletiva dos sergipanos

À sombra de extensos coqueirais e cajueiros, acampamentos militares foram erguidos em áreas pontuais. Canhões de artilharia, instalados por entre dunas da praia, pareciam querer atacar o oceano ou o céu. Binóculos sempre mirando o mar em busca de qualquer anormalidade, a orientação dos superiores era a que eles deveriam ter olhos sempre abertos para água e ser capazes de identificar o periscópio. Contudo, o único inimigo de fato era o marasmo, o calor do dia, a frieza da noite e o próprio medo. O soldado da praia teve que travar uma luta contra si mesmo. Ele vivia entre uma beleza paisagística que não podia aproveitar e à beira da loucura. Vigiar e lutar contra o nada, gerava uma situação de tensão permanente, onde o nada era o tudo ao extremo. Alguns soldados da praia chegaram a enlouquecer.



Figura 3 - Áreas Litorâneas de Sergipe e os Salvados de Guerra (1942-1944)



Fonte: SRH, 2014; IBGE, 2014

Na medida em que as coisas se tornaram mais críticas em relação à prática de recolher malafogados, os militares resolveram adotar medidas mais enérgicas e repressivas junto à população civil. Em 6 de outubro de 1942, o secretário da Capitania dos Portos de Sergipe, José Augusto Diniz de Aguiar Dantas, elaborou um edital que circulou pela imprensa escrita, e radiofônica, com o objeto de conscientizar a população sergipana de que os objetos achados tinham donos e precisavam ser entregues aos militares. Acrescentou-se ainda a insistência da adoção do blecaute como forma de não denunciar a posição costeira para os inimigos no mar e a proibição de cortar os manguezais que envolviam a cidade de Aracaju, porque eles serviriam de proteção natural, caso houvesse um desembarque de soldados nazifascistas nas praias de Sergipe. De acordo com o referido edital da capitania:



De ordem do Senhor Capitão de Corveta Gentil Homem de Menezes, Capitão dos Portos deste Estado, comunico a todos a quantos possa interessar que esta Capitania dá por muito bem recomenda a proibição do corte de lenha de mangue por quem não esteja para isso legalmente habilitado, bem como a sua compra e venda fora de tais condições; a proibição de detenção em poder de particulares de quaisquer salvados de naufragos ou qualquer objeto ou embarcação que dê à praia; a obrigação que é imposta a quem quer que encontre objetos, salvados ou embarcações em tais condições, de promover a sua guarda e comunicar o encontro a esta Capitania com maior brevidade; que na forma das disposições do decreto 4 557, de 10 de agosto último, todo movimento dos portos e águas interiores bem como a sua fiscalização e vigilância além da orla marítima, são a cargo desta Capitania e das entidades federais e estaduais que com ela colaborem, com o fim comum; que pelo cumprimento de disposições análogas às presentes e anteriormente tornadas públicas têm sido aplicadas às sanções regulamentares e multas a grande número de contraventores. Esta Capitania em benefício de serviço público e no cumprimento de suas atribuições não pode deixar de ser rigorosa com os infratores nem estes podem alegar ignorância das disposições legais.

A ênfase no documento era a proibição de detenção dos salvados dos naufrágios pelas populações litorâneas. Ao procurar demarcar posições sociais e limitar o acesso dos civis à região praiana, os militares acabaram por despertar uma “guerra pelos malafogados” com os sergipanos. Por esta razão, o litoral se transformou em lugar de conflito. Em defesa da posse deles, a população realizou suas incursões às áreas proibidas e criou artimanhas para catarem os salvados: 1 – conheciam o ciclo das marés, sabendo o momento em que as águas jogavam os artefatos; 2 – preferiam agir na madrugada, para recolhê-los antes da primeira ronda militar; 3 - entocavam por entre as dunas e lá escondiam os objetos catados, marcando o local com cocos ou galhos; e por fim, 4 – sabiam dos horários e comportamentos dos marinheiros.

Pelo exposto nestes comportamentos sociais, os sergipanos se sentiam donos dos salvados de guerra. Ora, foram eles que os encontraram “perdidos” na praia, e assim, queriam conceder um fim mais digno ao que seria em tese tratado como lixo naval. Legalmente, a coisa achada deveria ser entregue aos seus verdadeiros proprietários: os familiares dos viajantes oceânicos, as companhias navais ou as instituições militares. No entanto, na maioria dos casos, não houve devolução. O objeto malafogado foi entendido socialmente como um presente precioso do mar, como rememorou Salvelina Santos de Moraes⁵, em entrevista realizada em 2014:

Malafogados? Era porque era do mar. Porque foi do mar! Foi o mar quem trouxe né? Chamavam de malafogados! Foi o mar quem trouxe e ele pegou dos navios torpedeados. Olhe fulano peguei isso do mar, isso assim, dos malafogados. Alguns diziam que era do mar, do tibus e não diziam malafogados sabe? O mar era o malafogado porque trazia tudo isso. As pessoas iam beirando o mar, catando. Não tinha rodagem naquela época. Iam para o Mosqueiro. Deu mais coisa na praia de Estância e do Mosqueiro para cá.

⁵ Filha do faroleiro da Atalaia, Teodoro Moraes.



A partir da análise desta memória pode-se perceber que as populações litorâneas possuíam a incrível habilidade de criar histórias sobre o sinistro. Elas buscaram entender o sinistro dentro de suas tradições culturais. O mundo dos malafogados nasceu como resposta a uma luta contra o invisível. Contudo, a justificativa que “o mar trouxe os malafogados para a população carente” jamais seria acatada pelas autoridades da Capitania dos Portos de Sergipe, que criaram uma regulamentação de acesso ao litoral e apontaram restrições aos salvados tentando frear a prática dos malafogados. Os sergipanos, principalmente aracajuanos e estancianos, jamais os deixariam escapar de suas mãos.

Se por um lado, no mar, os salvados apontam os rastros dos submarinos alemães, Por outro, nas praias sergipanas, os malafogados revelam a geografia dos catadores dos objetos. Para saber onde e o que chegou nas praias, quem pegou o quê e o que se fez com os malafogados, era preciso atentar para a movimentação dos sergipanos e o que um dizia ao outro em sigilo. Armazéns, bares, barbearias, bodegas, botequins, canoas e pontes eram espaços masculinizados de sociabilidade, locais úteis para o propósito de “ficar por dentro literalmente das coisas”. A este respeito, Murillo Melins recordou alguns “causos de juventude” em seu livro *Aracaju romântica que vi e vivi*. Esse memorialista ajudou a iluminar esta pesquisa indicando quem mais “pescava” os malafogados. Eis as suas impressões:

À noite na praia de Formosa, os veranistas e pescadores misturavam-se no armazém de Seu Guimarães, Bar do guarda Barbosa e no Botequim de Dona Lila. Papo sobre pescarias, estórias dos torpedeamentos dos cinco navios, dos naufragos que davam na praia de Atalaia. Casos de pescadores que acharam caixas cheias de cédulas de grande valor que, depois de secas ao sol, fizeram alguns mudarem suas vidas, para melhor. Uns comparam casas, outros se estabeleceram no comércio. (MELINS, 2007, p. 314).

Ao mesmo tempo, percebem-se nesta memória de Murillo Melins que os nativos pescadores eram os principais agentes no ato de recolher os salvados de guerra, e por que não dizer, da própria comercialização destes nas cidades de Indiaroba, Santa Luzia do Itanhhy, Estância, Itaporanga, São Cristóvão e Aracaju. No entanto, a importância de recolher os objetos à beira-mar pode ser percebida de duas maneiras diferentes. De um lado, na ótica militar, pois os salvados ajudavam a entender a ação dos *U-boats*. Por outro lado, na perspectiva social, as histórias e as memórias dos malafogados abriram frestas para coisas veladas no interior da costa de Sergipe, onde se visualizou a dinâmica social de apropriação, os desvios de coisas e os usos no cotidiano.

As estratégias de apropriação dos salvados eram ágeis, sigilosas e secretas. Contudo, aquilo que acontecia no anonimato se tornava conhecido facilmente. Como já foi dito, cobrir o objeto com areia da praia e com cascos de cocos secos nos sítios eram tentativas de despistar a varredura policial. Em entrevista, Salvelina Santos de Moraes rememorou estas estratégias do Zé Malafogados:



O povo escondia coisas nas praias e nos sítios. Assim, muitos sítios mesmo. Faziam assim, botavam as coisas no buraco e acabar cobria com casca de coco. Escondiam lá para poder ficar. Quando descobria de fulano, era só pressionar, porque este dizia que sicrano também tem e tá em tal lugar. Quando um era descoberto sempre entregava o outro. Tinha gente que chegava assim pro meu pai, chamava e dizia: - Seu Teodoro, fulano tá com isso, isso e isso escondido! Tá dentro de uma valeta num buraco e tá escondido coberto com casca de coco. Aí quando ele ia com os soldados ele já ia certo ali, aonde tava aquele negócio todo sabe? Ele dizia assim: - Não negue! Porque eu já sei! Já sei o que tem aqui porque já me disseram! Já me falaram! Ele não dizia quem era, mas dizia: - Eu já tô sabendo que aqui tem! Ele achou latas de manteiga, móveis, muita coisa deu na praia, como caixa de louças.

A busca pelo que estava escondido – e como foi encoberto – coube ao faroleiro Teodoro Moraes. Era preciso atentar para a sutileza dos detalhes e pensar a praia enquanto espaço de representações. Assim, a teia de quem pegou o que se formava quando um entregava o outro. Em meio à raiva de ser descoberto e à inveja de ver alguns se darem bem, o “Zé Malafogado” indicava o caminho percorrido pelos salvados de guerra e como esconderam. Cobrindo as coisas com casca de coco nos sítios ou cavando um buraco na areia da praia e depois marcar o local com galhos.

Mais do que faroleiro, Teodoro Moraes era morador da região praiana e conhecido pela gente litorânea, esta condição o fez adentrar com facilidade em um mundo social que também era seu, mas que seria fechado para os forasteiros disciplinadores (policiais, marinheiros e militares). Além disso, ele percebeu os buracos dos malafogados também nas praias a partir das seguintes evidências: a areia remexida, as pegadas ao lado de um morrinho e galhos suspeitos. Apesar de se recuperar alguma coisa, a maioria dos salvados se espalhou entre os moradores do litoral sergipano.

Os objetos de valor caíram num mercado clandestino. No centro de Aracaju, os malafogados eram tratados como mercadorias. Eles representavam muito mais do que um pedaço do navio ou um objeto do naufrago, pois a sua posse poderia oportunizar uma melhoria de vida. Algumas pessoas de origem humilde conseguiram ascender socialmente, tal mudança gerou suspeita ou indicativo da comercialização dos salvados às escondidas. Com o dinheiro em mãos, eles quitavam dívidas ou compraram casa, sítio ou bodega. Por meio dos desvios das coisas de valor, dos saques aos cadáveres, do comércio ilegal, houve, sem dúvidas, o enriquecimento ilícito.

Nesta época, a Praia Formosa voltou a ser a mais frequentada pelos aracajuanos em fins de 1942. Além de deter uma paisagem tropical agradável, ela tomou o lugar da Praia de Atalaia Velha, que já tinha poder de atração territorial desde os anos de 1920. As circunstâncias que favoreceram o afastamento dos aracajuanos de Atalaia Velha incluíam: 1 – a atmosfera de medo e incerteza provocada pela ação dos *U-boats*; 2 – a angústia dos militares, que num primeiro momento, acreditavam que tropas alemãs ou italianas poderiam desembarcar nas praias oceânicas; 3 – a restrição do acesso de civis ao litoral. Por isso, as praias estuarinas do Rio Sergipe voltaram a ocupar um papel



de relevo na cultura balneária de Aracaju, com destaque para a Praia Formosa, Praia do Aracajuzinho e as praias situadas na Barra dos Coqueiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em agosto de 1942, como já foi dito, o submarino U-507 empreendeu manobras livres na costa de Sergipe. Em rápida sequência, lançou seus torpedos contra o Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo. Ao longo desta pesquisa, vislumbrou-se que a história dos torpedamentos não acabou quando os navios mercantes desapareceram no horizonte oceânico. Coube à memória coletiva dos sergipanos a tarefa de recordar as agressões nazistas em territorialidades flutuantes e apontar caminhos interpretativos para se entender os acontecimentos no mar.

Cada acontecimento trágico-militar foi gerador de coisas flutuantes, ou seja, de salvados de guerra. Graças às correntes marítimas favoráveis à costa, logo chegaram às praias locais e às mãos oportunistas. Entre os sergipanos, os salvados de guerra eram denominados de malafogados. A força imagética dos malafogados residia no arrebatamento que suscitou nas populações litorâneas no tempo da Segunda Guerra Mundial. Em meio às proibições da Capitania dos Portos de Sergipe, homens e mulheres não deixaram de buscar os malafogados e criaram suas estratégias para desvio, trajetória, posse, uso e comercialização. Como foi evidenciado nos registros documentais, houve conflitos entre civis e militares pelos malafogados.

Histórias de guerra marítima foram tecidas no pós-torpedeamento. Além das coisas malafogadas, sobreviventes desesperados e naufragos mortos também tornaram as operações militares alemãs mais inteligíveis. Nesta esteira praiana dramática, não há como negar o valor da memória nas construções das narrativas sociais. O ato de recordar revelou cenários tropicais imbricados a uma teia de micro acontecimentos. Deste modo, ainda no raiar do século XXI, velhos sergipanos são portadores de uma memória dramática, que esculpiu, no espaço e tempo, uma geografia histórica da Batalha do Atlântico Sul.



REFERÊNCIAS

- AUDOIN-ROUZEAU, S. **As grandes batalhas da história**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- BRASIL. Ministério do Exército. **Inquérito Policial Militar (IPM). Torpedeamento Baependi**. 6ª Região Militar. 1942. Arquivo Histórico do Ministério do Exército. Edifício Duque de Caxias, Rio de Janeiro. [Telegrama do Capitão Lauro Moutinho dos Reis (Náufrago do Baependi) ao Comandante da 7ª Região Militar de Recife, PE. Estância, SE, 16 de agosto de 1942].
- BELOT, R. **A Guerra Aeronaval no Atlântico (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Record, 1949.
- CABRAL, M. **Roteiro de Aracaju**: guia sentimental da cidade. Aracaju: Livraria Regina Limitada. 1955.
- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, SE, 29 de agosto de 1942.
- CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, SE, 1º de setembro de 1942.
- CRUZ, L. A. P. A guerra já chegou entre nós! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945). 2012. **Dissertação (Mestrado em História Social)** - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2012.
- CRUZ, L. A. P. A Guerra do Atlântico na costa do Brasil: rastros, restos e aura dos U-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). **Tese (Doutorado em História)** - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2017.
- DANTAS, J. A. D. de A. **Editais da Capitania dos Portos de Sergipe**. Aracaju, 6 de outubro de 1942.
- GROSSI, Y. de S.; FERREIRA, A. C. Razão narrativa: significado e memória. In: **Revista de História Oral**. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. Nº 4, junho de 2001.
- HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOURENÇO, L. A. B. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- MELINS, M. **Aracaju romântica que vi e vivi**. Aracaju: UNIT. 2007
- MORAES, Salvelina Santos. **Entrevista cedida à Luiz Antônio Pinto Cruz**. Aracaju, SE, 1º jul. 2014.
- NASCIMENTO, João Martins do. **Entrevista concedida à Luiz Antônio Pinto Cruz**. Povoado de Pontal, Indiaroba, SE, 7 de jul. 2005.
- NUNES, José Martins Ribeiro. **Entrevista com Zé Peixe concedida à Luiz Antônio Pinto Cruz**. Aracaju, SE, 07 abr. 2004.
- RAHMEIER, A. H. P. **Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra: a relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)**. São Leopoldo: Oikos - Editora Unisinos, 2020.



SEITENFUS, R. A. S. **O Brasil vai à guerra**: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Barueri: Manole. 2003,

TORRES, S. Naufrágio do Araraquara. Caderno Mais. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 8 de julho de 2007.

VIRILIO, P.; LOTRINGER, S. **Guerra Pura – A militarização do cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984.